



Curso Panorâmico de História do Rio de Janeiro: 23 de setembro de 1964, no Automóvel Club. Conferência do Prof. Américo Jacobina Lacombe. Da esquerda para a direita: Dr. Manoel Xavier de Vasconcelos Pedrosa, Gal. Estevam Leitão de Carvalho, Prof. Marques dos Santos, Virgílio Corrêa Filho, Dr. Américo Jacobina Lacombe, Embaixador José Carlos de Macedo Soares (Presidente do IHGB), Dr. Rodrigo Otávio Langgaard de Menezes, Dr. José Wanderley de Araújo Pinho e Dr. Pedro Calmon

Fonte: Arquivo do IHGB-RJ. Foto Marta Marta Saboya da Costa apud TRINDADE, Vilma Eliza. *Política, História e Memória em Mato Grosso: Virgílio Corrêa Filho, 1887-1973*. Campo Grande, MS: EdUFMS, 2001, p 20. (ISBN 85-85917-70-9)

A LITERATURA HISTÓRICA DE MATO GROSSO E SUA INTERFACE COM A HISTORIOGRAFIA NACIONAL, SOB A ÓTICA DE VIRGÍLIO ALVES CORRÊA FILHO

LA LITERATURA HISTÓRICA DE MATO GROSSO Y
SU INTERFAZ CON LA HISTORIOGRAFÍA NACIONAL,
BAJO LA ÓPTICA DE VIRGÍLIO ALVES CORRÊA FILHO

Elizabeth Madureira Siqueira

(Doutora em Educação, Mestre em História, Presidente do IHGMT,
membro da AML e Curadora da Casa Barão de Melgaço.

bethmsiqueira@gmail.com)

RESUMO – A obra de Virgílio Corrêa Filho é digna de elogios, uma vez que tudo que ele escreveu se reveste de inegável competência. O artigo em questão trata-se de uma palestra por ele proferida no ano de 1937, no interior da Federação das Academias de Letras (RJ), enquanto representante de Mato Grosso. Essa peça literária e histórica revela as preferências de Corrêa Filho no bojo da produção da época referente a Mato Grosso. Tudo tem início com as escritas coloniais, perpassando pelo cenário imperial e finalizando nas primeiras décadas da República. O mais interessante são as escolhas de Virgílio, os trechos privilegiados e os autores contemplados. Misto de literatura e história, a conferência revela, creio que em primeira mão, essa interface interessante.

Palavras-chave: História. Literatura. Mato Grosso.

RESUMEN – La obra de Virgílio Corrêa Filho es digna de elogios, una vez que todo lo que él escribió se reviste de innegable competencia. El artículo en cuestión se trata de una conferencia que él pronunció en el año 1937, en el interior de la Federación de las Academias de Letras (RJ), como representante de Mato Grosso. Esta pieza literaria e histórica revela las preferencias de Corrêa Filho en el seno de la producción de la época referente a Mato Grosso. Todo comienza con las escrituras coloniales, pasando por el escenario imperial y finalizando en las primeras décadas de la República. Lo más interesante son las elecciones de Virgilio, los tramos privilegiados y los autores contemplados. Mucho de literatura e historia, la conferencia revela, creo que de primera mano, esta interesante interfaz.

Palabras clave: Historia. Literatura. Mato Grosso.

No ano de 1937, Virgílio Corrêa Filho proferiu uma interessante palestra, junto à Federação das Academias de Letras, intitulada *Influência de Mato Grosso na Literatura Brasileira*, publicada na Revista da Academia Mato-Grossense de Letras (Ano VI, 1938, p. 20-44). O sentido de Literatura utilizado no texto diz respeito tão somente à produção historiográfica gerada sobre Mato Grosso ao longo dos séculos XVIII e XIX. Logo no início, Corrêa Filho justificou tal assertiva: “Não se lhe apontará o influxo das letras regionais na evolução do pensamento brasileiro, presunção que transbordaria os limites da tolerância, mas simplesmente o reflexo literário dos céus e cenários de Mato Grosso, onde medrou o mais genuíno rebento dos povoadores bandeirantes setecentistas” (RAML, ano VI, 1938, p. 21). Tomando por base de inspiração a Lagoa dos Xaraiês, de onde emanavam, livres, sonhos e fantasias, os escritores produziram uma literatura envolta em possibilidades, transmutando-se em verdadeiras lendas, “[...] cujas miragens se traduziam em lendas estonteantes, propagadas até São Vicente” (Ibidem). Essa escrita estava iluminada pela esperança de um novo Eldorado, o que produzia nos mamelucos paulistas o destemor “[...] que lhes permitia varar os sertões impérvios, como se estivessem palmilhando os rincões de sua querência” (Ibidem, p. 22).

Aqueles que se dedicaram a escrever realisticamente suas impressões, a exemplo de João Antônio Cabral Camelo, estamparam uma escrita coalhada de pessimismo, na medida em que, além dos inúmeros perigos enfrentados no confronto com os até então desconhecidos grupos indígenas locais, não haviam eles encontrado o ouro necessário para fazer sua fortuna. Referindo-se ao cronista Cabral Camelo, Corrêa Filho assim avaliou o sentido pessimista de sua literatura: “Aventureiro, que sacava contra o futuro, na compra de escravos a crédito, para indenização com o resultado

das minas, não encontrou em Cuiabá o metal que o levara a empreender a travessia perigosa, através dos pantanais infestados de Paiaguás temíveis. Desiludido, gravam-se-lhe na retentiva, de preferência, os aspectos mais sombrios, que lhe sugerem comentários desanimadores” (IBIDEM).

É nesse momento que Virgílio Corrêa Filho lança dois signos distintivos dos mamelucos paulistas: os aventureiros, que adentravam ao sertão com o intuito de somente “encher as algibeiras” e retornar ao Planalto piratiningano, e os que chegavam e ali permaneciam, estabelecendo uma relação simbiótica com os sertões de Mato Grosso, como foi o caso de José Barbosa de Sá: “[...] arguto licenciado, que deitou raízes na vila sertaneja, onde sucumbiria a 20 de maio de 1779, menos de um ano depois de ter ultimado a sua por-menorizada *Relação das povoações do Cuiabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos*. É o iniciador da historiografia cuiabana, cujo ensaio mereceu as honras de ser adotado como a verdadeira narrativa dos sucessos contemporâneos” (IBIDEM).

Mesmo tendo sido a escrita barboseana emoldurada pelo temor, sofrimento e fome, Corrêa Filho não a qualifica enquanto discurso pessimista, mas, contrariamente, imprime ao seu olhar um tom realista e sempre otimista, ao contrário da mensagem deixada pelos forasteiros de primeira hora: “É o depoimento pontual de quem assistiu às lutas com os indígenas, implacáveis na vingança contra o invasor de seus domínios, e padeceu, como os demais, as consequências da fome, doenças e irrefreável prepotência de governantes desabusados” (IBIDEM, p. 23).

Os escritos de José Barbosa de Sá, mesmo tendo sido redigidos antes da Provisão Régia de 20 de julho de 1782, que obrigava aos camaristas dar notícia das efemérides nos Anais do Senado da Câmara de Cuiabá, foi a mesma incorporada *ipsis litteris* nos citados

Anais e enriquecidas com as anotações marginais de Diogo de Toledo Lara Ordonhez, à época, a mais alta autoridade judicial das Minas cuiabanas.

Segundo Paulo Pitaluga Costa e Silva (1990),

Somente o contestou Diogo de Toledo Lara Ordonhez¹, que em fins do século XVIII, às margens do livro original dos *Anais do Senado da Câmara do Cuiabá*², na parte que Joaquim da Costa Siqueira copiou *ipsis litteris* Barbosa de Sá, anotou alguns poucos erros do cronista. Mas os documentos oficiais, na época de Ordonhez, ainda estavam bem guardados nos arquivos da administração colonial, e esse culto Juiz de Fora de Cuiabá, pode ainda consultá-los e compará-los com o relatado por Barbosa de Sá. Todavia, essas falhas apontadas por Ordonhez, não passam de meros descuidos históricos, que não podem em absolutos ser considerados erros crassos e flagrantes, prejudiciais à autenticidade e correção de nossa história mato-grossense. Em absoluto os erros cometidos por Barbosa de Sá e apontados por Ordonhez, interferem na análise, interpretação e entendimento dos princípios da história de Mato Grosso.

Os *Anais*, aparentemente escritos em região muito distante, segundo Virgílio, circularam, em pelo Brasil colonial através de diversas cópias, visto terem sido transcritos, no século XIX, nos *Anais da Biblioteca Nacional* (RJ), e veiculado nos mais importantes centros intelectuais brasileiros. Sua consulta foi farta, com destaque para o eminente historiador Capistrano de Abreu, um dos precursores no estudo do sertão brasileiro, porém, ele não referenciado a contento, o que ocorreu na escrita de outros autores da História do Brasil colonial.

É interessante referenciar que Virgílio Corrêa Filho mencionou, como de autoria de José Barbosa de Sá, nessa recuperação historiográfica, somente a *Relação das povoações de Cuiabá e Mato Grosso de seus*

princípios até os presentes tempos, e somente em sua História de Mato Grosso (1969) citou os Diálogos geográficos, cronológicos, políticos e naturais, escritos por José Barbosa de Sá nesta Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá em 1769. Esses escritos, bastante extensos e de uma erudição e cientificidade notáveis, foram referenciado, anos antes, por Ramiz Galvão, em seu Catálogo da Exposição de História do Brasil, publicado pelos Anais da Biblioteca Nacional, volume 9, de 1881/1882 (COSTA E SILVA, 1999, p. 77),

Papavero e outros, em *Os capítulos sobre animais dos “Dialogos geograficos, chronologicos, politicos, e naturaes” (1769) de Joseph Barboza de Saa e a primeira monografia sobre a fauna de Mato Grosso. (São Paulo, Arquivos de Zoologia, p. 75-154, 2009), considera os Diálogos enquanto:*

[...] sua obra magna, entretanto, os *Dialogos Geograficos, Chronologicos, Politicos, e naturaes*, de uma grande erudição, concluída em Cuiabá em 1769, permanece inédita em sua totalidade. Apenas os capítulos referentes à história natural, constantes de um manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, foram publicados por Papavero, Teixeira & Pujol-Luz (1999a, b, c, d, e, f), Papavero, Figueiredo, Teixeira & Pujol-Luz (1999), Teixeira, Lorini, Papavero &

Pujol-Luz (1999) e Teixeira, Papavero & Pujol-Luz.

Em *A ideia de natureza em José Barbosa de Sá, com especial referência às plantas*, Rafael Dias da Silva Campos e Christian Fausto Moraes dos Santos (2015, p. 519, ponderam que:

Barbosa de Sá partilhava esse universo em que o papel do estudioso do mundo natural era compreender a construção divina. Para o advogado licenciado, Deus havia criado as frutas com o específico objetivo de oferecer alimentos às pessoas:

Mandou Deus que brotasse a terra ervas e lenhos pomíferos para sustento e conservação do sensível bando sem o que não podia existir pela pensão do sustento a que sujeitou, obrando nessa produção tantas variedades, quantas convinha para demonstração do divino poder, eterna liberdade, perfeição da natureza, ornato da terra e finalmente um erário aonde depositou um dos tesouros com que nos dotou. (SÁ apud PAPAVERO, p. 400v-401r).

Já Maria Gabriela de Araújo Guimarães, em sua dissertação de Mestrado, *A América Portuguesa vista de Mato Grosso: Os Diálogos de José Barbosa de Sá (2ª metade do século XVIII)*, defendida no Departamento de História da Universidade Portocalense (2013, p. 7), informa a existência de um manuscrito similar dos *Diálogos* junto à Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP), catalogado sob o nº 235, cujo título é *Diálogos geográficos coronológicos políticos e naturais*, escritos por José Barbosa de Sá, em 1769, a partir de Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. Segundo a pesquisadora,

Trata-se de uma longa dissertação sobre o sertão, que a quase totalidade dos portugueses de então desconhecia, mesmo os nascidos em solo americano. O autor dedicou-o a Luís Pinto de Sousa Coutinho, governador e capitão-general de Mato Grosso¹. Ele considerava esse governador como o astro que iluminou essa longínqua região, que classificava como “*a mais incógnita da América*”, propondo-se esclarecer vários aspetos, como, por exemplo:

- O que é a América e onde se acha
- As províncias (ou regiões) em que se divide
- A descrição das suas costas e portos marítimos
- As gentes que as habitam e seus costumes
- Finalmente, que minerais, animais e plantas aí existem.

Esclarece e alerta ainda a mesma estudiosa que “Na verdade, o catálogo da BPMP, ao inventariar este manuscrito escreve: ‘Foi todo copiado por ordem do Comendador Lisboa, em 1861’, portanto, quase um século após a sua gênese. É possível até que o copista tenha cometido alguns erros de transcrição. Não sabemos. Isso, contudo, em nada diminui, a nosso ver, o seu interesse e valor documental” (GUIMARÃES, 2013, p. 10). Escrita ao arremedo de uma conversa, os *Diálogos...* tratavam de uma interlocução entre dois personagens, o que indagava e o que respondia, como esclarece a historiadora Guimarães (Ibidem, p. 8):

Nestes textos apareciam duas (ou mais) figuras, expondo uma delas as dúvidas e dificuldades que gostaria de ver esclarecidas e a outra (normalmente mais velha e sabedora), ia respondendo. Esta graduava a dificuldade das questões, aumentando-a progressivamente, em função das matérias. Desse modo se urdia um discurso menos monótono e mais motivador. O jovem fazia-se eco da ignorância ou da curiosidade dos seus contemporâneos. E o discurso do ancião ia-o conduzindo ao conhecimento seguro. Este artifício literário constituía um meio de informar, mas igualmente de formar, uma vez que, de forma subtil, se iam deixando à consideração do leitor valores, princípios, modelos de acção e, sobretudo, normas e paradigmas a que deveria submeter-se todo o súbdito de um Estado iluminado e civilizado, como se julgava ser o Portugal de então. Nisso os seus agentes se distinguiam do gentio americano ou do homem rude do sertão, esse ainda bárbaro, inculto e de costumes primitivos.

Acrescenta ainda a mesma autora em sua dissertação:

[...] As duas figuras coloquiantes encarnam em um “proyecto varam”, cheio de experiências e de bom senso, de nome Felino e num jovem acadêmico, um filósofo, cheio de curiosidade, de nome Polívio.

O estudante pergunta e o ancião vai respondendo. A magna questão, perante isto, é saber-se onde Barbosa de Sá a adquiriu. Como autodidacta não é crível. Estudou, sem dúvida em qualquer escola. Mas onde? Não sabemos. Em relação a isso, não podemos passar de especulações. (GUIMARÃES, 2013, p. 20).

Francisco Adolfo Varnhagen, em sua *História Geral do Brasil*, publicada no ano de 1981, fez referência à existência de um manuscritos dos *Diálogos...* junto à “[...] Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP) e que para aí foi levado por sequestro do recheio da casa de Balsemão (a de Luís Pinto de Sousa Coutinho). Acrescentou ainda que o ms. consta de 816 fólios e que a cópia que dele existe no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) foi adquirida por sua recomendação” (GUIMARÃES, 2013, p. 11-12 *apud* VARNHAGEN, *ibidem*, p. 277, nota 50).

Retomando os *Anais do Senado da Câmara de Cuiabá*, anos mais tarde, outro cronista, Joaquim da Costa Siqueira, deu continuidade aos escritos de Barbosa de Sá junto ao citado documento, porém, segundo Corrêa Filho, eram novos tempos, quando Cuiabá já se impunha enquanto a vila mais importante do período, uma vez que a maioria dos capitães-generais que vinham para Mato Grosso permaneciam ali durante meses, antes de se dirigir para Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital. Os escritos de Costa Siqueira foram redigidos em um ambiente:

[...] mais equilibrado em sua economia e trato social, que permitiria a quinzena festiva de agosto de 90 em homenagem ao ouvidor benquisto. Cavalhadas e contradanças, de que participaram galãs “vestidos à maruja”, alternaram-se com representações de comédias, óperas e tragédias, em que o elemento feminino, tradicionalmente mantido na reclusão do lar, era substituído por figurantes masculinos.

Aspásia na Síria, Inene, Saloyo Cidadão, Zenóbia no Oriente, D. Inês de Castro, Amor e Obrigação, Zaira, O tutor enamorado, Êsio em Roma, entre várias peças teatrais, evidenciaram a vocação artística dos admiradores do magistrado, transfigurados em lances trágicos e cômicos.

E também pela convivência de individualidades inclinadas ao cultivo das letras, que em breve prazo logravam improvisar apreciável espetáculo de amadores, gabado por Lara, depois que, transferido para São Paulo, já não necessitava dissimular as verdadeiras impressões causadas pelos seus jurisdicionados da ouvidoria mato-grossense. Exaltou, a propósito, a “habilidade dos filhos de Cuiabá, o gosto com que se empenham e a eficácia dos seus ensaiadores”. (IBIDEM, p. 24).

Virgílio atribuía o empenho cultural dos moradores de Cuiabá ao fato de essa vila ter sido preterida como capital: “A vila sertaneja diligenciava compensar o primado administrativo, em que fora preterida pela finalidade política de Vila Bela, por maior dedicação aos problemas culturais, que lhe constituiria a mais interessante característica em qualquer época” (Ibidem).

Ao reforçar a elevada projeção cultural cuiabana, lembrou Corrêa Filho da figura de Augusto Leverger, que dignificou Mato Grosso nas letras e nas pesquisas que realizou. Enamorado de Cuiabá, o Barão de Melgaço ali fixou residência, se casou e onde também faleceu. Sua residência, anos depois de seu falecimento, foi cedida ao Estado por suas descendentes, e, no ano de 1931, Antonino Mena Gonçalves doou o imóvel, pelo tempo em que as duas instituições sobrevivessem, ao Instituto Histórico e Geográfico e à Academia Mato-Grossense de Letras, onde as mesmas se encontram sediadas até a atualidade, em franca e dinâmica atividade.

Outro erudito que estudou Leverger foi Taunay: “[...] ninguém o igualou em devotamento à Província

adotiva, a que serviu com a pena e a espada. [...] tanto fizera e com tamanho senso e precisão, que despertaria a admiração do mais notável de seus biógrafos, nada menos que o Visconde de Taunay, que lhe começou a descrever os feitos, em dramáticas circunstâncias” (IBIDEM, p. 25).

Centrando agora em Taunay, Virgílio o apresenta como um jovem prenhe de imaginação, descrevendo inúmeras cenas da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, a exemplo da *Retirada da Laguna*:

[...] pela sua feição dominante de epopeia militar, que narra as peripécias de uma arrancada imprudente, salva do aniquilamento completo, pelo heroísmo de lutadores destemerosos, escassa margem abriria ao contemplativo [...] Mato Grosso, entretanto, com o poder sugestivo dos seus cenários singulares, diferentes de tudo quanto vira até então, avivou-lhe a fantasia, acaso ainda contida pelos regulamentos militares, com tamanha intensidade, que o fez conquistar, surpreendente nomeada.

Associaram-se indissolúvelmente, desde o primeiro lance, o talento descritivo de Taunay, hábil no manejo da palheta opulenta de tons, e a natureza mato-grossense, que jamais deixaria de atuar-lhe na mente criadora.

E por isso a glória do Visconde de Taunay, Mato Grosso inclui em seu patrimônio intelectual, por força do quinhão que lhe cabe. (IBIDEM, p. 27).

Mesmo tendo concentrado apenas nas duas obras de Taunay, *Retirada da Laguna* e *Inocência*, Virgílio elencou um rol de bons escritos desse autor, a exemplo de *Visões do Sertão*, *Mato Grosso invadido*, *Cidade do Ouro e das Ruínas*, *Viagens de outrora*, *Entre os nossos índios*, onde Mato Grosso foi o cenário privilegiado.

Corrêa Filho dá destaque especial à obra *Céus e Terras do Brasil*, onde Mato Grosso é cantado na maioria de suas páginas, com destaque para um trecho da

escrita de Taunay ao descrever uma tempestade no sertão:

Descamba o sol: são as horas da tarde.

Armada a trovoada, não tarda que desabe.

Às vezes, quando menos se espera, sem causa aparente, some-se, dissipa-se/ outras vezes vem de súbito, precedida apenas por gotas de chuva, destacadas e grossas que, ainda no sol fora, caem pesadas e largas, batem com força no chão ressequido, nele abrem manchas salientes e negras e, de envolta com tênue poeira, levantam um cheiro particular, ora perfumado como se fora de olorosas pétalas, era desagradável e acre de ervas selváticas e terras ásperas.

Cerra-se depois o céu; enfusca-se a atmosfera, impregnando-se de vapores azulados que cambiam para o vermelho; zune simbilante o vento; amiudam-se o ronco do trovão cada vez mais próximo; fuzila a cada instante; relampejam coriscos; serpenteiam os raios em desluntres zigue-zagues, ígneos como ferro em brasa, abalando os ares com o estrepido de enormes pilhas de porcelanas finas que se desmoronem por escada abaixo, e despejam violentos aguaceiros com intervalos em que, não raro, reaparece a luz solar, dourando os bojudos contornos das nuvens, e acordando em seu sombrio recesso um mundo das mais extraordinárias e fantásticas cintilações.

[...] Árvores batidas pelas refregas, arfam, curvando-se e vibram; mas, ao mesmo tempo, sugam do chão estilante, com o renascimento da vida, a força da resistência... Limpa-se, daí a nada, o firmamento de um ponto a outro, carregado de anil.

De todos os lados fogem nuvenzinhas flocosas com mil delicados matizes, que o sol a capricho lhes vai imprimindo; rumoreja aragem branda, sutil, amena, verdadeiro hálito de primavera: esplende a

vegetação com renovado viço e vem se desdobrando a flébil tarde dos sertões. (TAUNAY, p. 55 apud CORRÊA FILHO, *Ibidem*, p. 28).

O autor seguinte, escolhido por Corrêa Filho, foi o médico e naturalista João Severiano da Fonseca que, em sua obra *Viagem ao Redor do Brasil*, deixou registradas inúmeras impressões colhidas nas viagens implementadas pelo território, em sua missão demarcadora dos limites Brasil-Bolívia. Seus registros atestam sua competência no campo da medicina, da botânica, da corografia e da história, especialmente a de Mato Grosso, para além de sua criatividade poética, ao cantar os irmãos mortos durante a Guerra contra o Paraguai. Tal como Taunay, Severiano da Fonseca descreveu Mato Grosso e os efeitos de seu clima excessivamente quente, o que tornava o ambiente – homens e animais, com aspectos de cansaço e desânimo, porém a chuva, quando precipitava, fazia retornar o clima ameno, repondo as energias no meio ambiente. Vejamos um trecho dessa descrição de Fonseca:

A aproximação das tempestades é de ordinário pressentida. A temperatura se eleva, ar parece fogo: não sopra a menor aragem.

A natureza como que se abate, estática e assustada.

Os animais perdem o ânimo, murcham as orelhas, abatem as caudas; se selvagens, embrenham-se nas florestas, se anfíbios, precipitam-se nas águas. Os domésticos aproximam-se do homem, como que confiados na proteção dele.

Nem as grimpas das árvores baloiçam, as matas, numa quietude medonha, parecem sólidos inteiriços.

As aves achegam-se aos ninhos, suspendem os voos, e se escondem; algumas, como as gaivotas, enchem os ares de suas vozes assustadas e, quase que lamentosas, prenunciam a tormenta: mas, logo se calam.

O ambiente cada vez se achamba mais, e a respiração se torna mais difícil. Há uma espécie de dureza em tudo o que nos cerca; um torpor gradativo; um silêncio especial, só quebrado pelo rumor das correntezas que aumentam de estrepido e fazem ainda maior a ansiedade do homem.

Entretanto, nem uma nuvem no céu – somente o sol havia amortecido seus raios, ocultos sob um véu espesso e achumbado.

Daí a pouco, denso nimbo surgia no horizonte, elevando-se de Sul ou Sudoeste, fazendo-se já ouvir o longínquo e surdo reboar do trovão, já com estridor medonho.

O ambiente modifica-se extraordinariamente e a temperatura decresce com rapidez. Sopra uma brisa, de ordinário do quadrante austral, que em breve se converte em violento tufão. Um grosso pingo de água, outro e outros, isolados, caem a grandes espaços no chão. São as avançadas de um aguaceiro diluvial que traz, por atiradores, um chuveiro de granizos e açoita a natureza por alguns minutos.

Meia hora depois, o sol resplende fulgurante.

O céu está límpido e sereno; a brisa murmura suave; as árvores curvam-se levemente ao sopro fagueiro; a natureza sorri; os pássaros sacodem as asas, as gotas de água que tiveram força de embeber-lhe as plumas, e cantam; os animais mostram-se contentes, e o homem sente-se reanimado e feliz.

Tudo respira com mais vida, somente guardam por algum tempo o sinal do cataclisma a relva abatida dos campos, as folhas despidas e os galhos lascados das árvores da floresta e as correntes que, mais túmidas e tumultuosas, vão, contudo, pouco a pouco perdendo a sua soberbia e entrando de novo nos limites que a natureza lhes demarcou.

Poucas horas depois, só saberia do acontecido quem o houvesse presenciado”. (FONSECA, J. S. dA apud CORRÊA FILHO, 1937, p. 30-31).

Euclides da Cunha foi outro autor, de âmbito nacional, a tratar de Mato Grosso, o que o fez, segundo Corrêa Filho, de forma ímpar:

Com efeito, a natureza de Mato Grosso balanceia os exageros de Burcke. É excepcional e nitidamente destacada. Nenhuma se lhe assemelha. Toda a impotência selvagem, toda a exuberância inconcebível, aliadas à brutalidade máxima dos elementos, que o proeminente pensador, em precipitada generalização, ideou no Brasil, ali estão francas, rompentas em cenários portentosos. Contemplando-as, mesmo através da frieza das observações de naturalistas pouco versados a efeitos descritivos, vê-se que aquele regime climatológico anômalo é o mais fundo traço da nossa variabilidade mesológica. (CUNHA, EUCLIDES da apud CORRÊA FILHO, 1937, p. 31).

Mais adiante, cita diretamente Euclides da Cunha na sua descrição dos momentos antecedentes e consequentes das tempestades em solo mato-grossense:

O firmamento límpido arqueia-se alumado por um sol obscurecido, de eclipse.

A pressão, entretanto, decai vagarosamente, numa descensão contínua, afogando a vida.

Por momentos, os cúmulos compactos, de bordas acobreado-escuras, negreja no horizonte, ao sul. Deste ponto sopra, logo depois, uma viração cuja velocidade cresce rápida em lufadas fortes. A temperatura cai em minutos e, momentos depois, os tufões sacodem violentamente a terra.

Fulguram relâmpagos, estrugem trovoadas nos céus, já de todo nublados e um aguaceiro torrencial desce logo sobre aquelas vastas superfícies, apagando, numa inundação única, o *divortium aquarum* indeciso que as atravessa, adunando as nascentes dos rios e embaraçando-lhes os leitos em alagados indefinidos. É um assalto subitâneo.

O cataclismo irrompe, arrebatado no espiral vibrante de um ciclone. Decolmam-se as casas, dobram-se, rangendo, e partem-se, estalando, os carandás seculares, ilham-se os morros, alagam-se os plainos...

E uma hora depois o sol irradia triunfantemente no céu puríssimo!

A passada irrequieta descanta pelas frondes gotejantes; sulcam os ares virações suaves – e o homem deixando os refúgios a que se acolhera, contempla os estragos entre a revivescência universal da vida.

Os troncos e galhos das árvores rachadas pelos raios, lascadas pelos ventos, as choupanas destruídas, colmos da terra, as últimas ondas barrentas dos ribeirões transbordantes, a erva acamada pelos campos, como se sobre eles passassem búfalos às manadas, mal relembram a investida fulminante do flagelo. (Cunha, Euclides da apud Corrêa Filho, 1937, p. 33).

O próximo autor privilegiado por Corrêa Filho foi José Vieira Couto de Magalhães e seus estudos etnográficos retratados em *O Selvagem*, quando descreve o longo e delicado trabalho que o mesmo executou ao desmontar uma embarcação no rio Paraguai e remonta-la no rio Araguaia:

Tomar uma embarcação utilizada no tráfego fluvial da rede paraguaia, desmontá-la quanto possível, e transporta-lhes as peças componentes para cem léguas de sertões vigiados pelo índio intratável, afigurou-se lhe perfeitamente exequível em Cuiabá, onde não lhe faltaram colaboradores para a empresa ousada de tamanha glória outorgada a Garibalde, quando conduziu, por dez léguas, em carretas, os seus lanchões de guerra, Rio Pardo e Seival, da Lagoa dos Patos para Tramandabi, através de arenoso albardão litorâneo.

Mas, ali não era somente o percurso horizontal que se dilatava em proporções desanimadoras, engravadas pelo perfil do terreno desconhecido.

Entre as águas do Piquiri, alcançadas pelo casco do navio rebocado, e as do Araguaia, intercalam-se as elevações do maciço central brasileiro, nivelado em chapadões sem fim, ora encrespado de morrarias perturbadoras da marcha, ou fendido em vales cariamente amplos.

O mesmo arrojo, que o impeliu a concretizar a sua estonteante obsessão industrial, leva-lo ia a empreender eficaz plano de campanha contra o invasor, ideado igualmente em Cuiabá, como, ainda mais tarde, a aplicar o seu talento de improvisação ao estudo da etnografia brasileira, revelado na obra que lhe consolidou a reputação de escritor, cujos méritos Aureliano Leite não há muito relembrou em famosa conferência da série, em boa hora promovida pelo Ministério da Educação. (CORRÊA FILHO. Op. cit., p. 36).

Cândido Mariano da Silva Rondon também não foi olvidado por Corrêa Filho, cujo destaque foi feito pelos excelentes trabalhos científicos gerados no interior da Comissão Rondon:

[...] cuiabano de Mimoso, que, ao internar-se pelos sertões patricios, de sextante em punho, para se cartear com as estrelas, obteve o concurso de naturalistas de nomeada, cuja vista perspicaz devassou íntimos segredos da natureza mato-grossense. Dali resultaram monografias de fino quilate que auxiliaram na decifração dos problemas brasileiros, referentes à terra e a sua flora e fauna. (IBIDEM, p. 37).

A seguir, Corrêa Filho discorre sobre um naturalista de sua predileção, o médico e cientista Roquette Pinto, autor da famosa *Rondônia*. Trabalhando o lado literário do mesmo, Corrêa Filho dá um destaque à obra *Samambaia*, composta de contos regionais, com especial menção à *A Canoá*, onde Roquette Pinto privilegiou o rio Sepotuba:

Não é muito largo, mas cavou um leito fundo nas terras baixas de vale e corre apressado, na maior parte do seu trajeto, apertando-se nos sulcos que

traçou na diábase dos primeiros andaimes da serra dos Parecis. Nenhum rio as adorna de matas tão viçosas. É como é, quase sem praias, quase oculto pelo arvoredado, parece imenso igarapé numa clareira de floresta. (ROQUETE PINTO, p. 52 apud CORRÊA FILHO, IBIDEM, p. 37).

Em *Caboclo Genésio*, Corrêa Filho privilegia um interessante trecho:

Olhe, neste mundo as coisas todas vão passando como uma folhinha que o rio carrega. De vez em quando uma encalhada no barranco, parece que vai ficar ali mesmo. A água, logo depois, às vezes no dia seguinte, ou quando muito na primeira chuva, mexe com a folha... e ela vai seguindo de novo – tudo na vida é como as folhas que caem no rio. (ROQUETE PINTO, p. 144 apud CORRÊA FILHO, IBIDEM, p. 37).

Recapitulando os viajantes, Corrêa Filho não deixou de citar o alemão Karl von den Steinen e seu pendor etnográfico. Além dele, elencou Carl Axes Manus Lindman, que foi conquistado pelo calor cuiabano: “[...] abrasou-lhe a simpatia amistosa de tal maneira que jamais se esqueceria da terra promissora, lembrada em sua correspondência, redigida em francês e nas cartas de uma das filhas do casal constituído mais tarde em Estocolmo, e a quem mandou ensinar o idioma camoneano para melhormente escrever aos padrinhos cuiabanos, a palavra que lhe é peculiar: saudade (CORRÊA FILHO, ibidem, p. 38).

Na primeira parte do artigo, Virgílio Corrêa Filho arrola os intelectuais de âmbito nacional que trataram Mato Grosso, o que demonstra que esse território era de interesse nos estudos brasílicos. Já a segunda parte será dedicada aos mato-grossenses, suas qualidades, produções e visibilidade.

Lembrando os principais mato-grossenses que se dedicaram a escrever sobre Mato Grosso, Virgílio re-

corda, inicialmente, o Pe. José Manoel de Siqueira que, [...] filho de sertanista, transpõe o Atlântico em busca de ilustração e, de regresso, traz credenciais que o habilitam a ser professor de filosofia, e escritos, além de naturalista, sócio da Academia Real de Ciências de Lisboa, a que enviou as suas memórias acompanhadas de aquarelas desenhadas a primor” (IBIDEM).

Além desse clérigo, Corrêa Filho lembra outros, como Pe. Alves de Arruda, negro e muito eloquente, mas também José da Silva Guimarães, que integrou a Junta Governativa por ocasião da Independência, chegando a dirigir Mato Grosso. Foi ele o introdutor da primeira tipografia provincial: “A imprensa é, nos países constitucionais, favorável aos homens de bem e funesta aos maus; é terror dos tiranos e a salvaguarda dos oprimidos” (Guimarães apud Corrêa Filho, op. cit. p. 39). Para Silva Guimarães, a educação sempre foi a base para o desenvolvimento de qualquer nação: “A educação é uma verdadeira natureza: ela obriga o homem a deixar as inclinações perversas e prepara desde a infância o cidadão que deve um dia servir a sua Pátria”. (GUIMARÃES apud CORRÊA FILHO, op. cit. p. 39). Virgílio não deixa de referenciar a *Memória sobre os índios Apicás*, elaborada por essa personalidade e publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o que demonstra o interesse nacional sobre Mato Grosso.

Outros mato-grossenses ilustres projetaram Mato Grosso no cenário nacional, a exemplo de Antônio Navarro de Abreu: “Graduado em leis por São Paulo, em 35, Antônio Navarro de Abreu seria por ventura o primeiro da lista dos que honraram o nome de sua gente, na incipiente Escola de Direito. Eleito Deputado, antes de finco o mesmo ano, impôs-se pela fogaosa eloquência à admiração dos pares, que o viram, no crepúsculo da Regência, participar dos maiores debates da época”.

Segue uma listagem de mato-grossenses cultos, como José da Costa Leite Falcão, “[...] que adquiriu renome de doutor e advogado sagaz, figura representativa em Cuiabá, onde fez de sua casa um centro de cultura”. (Ibidem, p. 40). Outros mais seriam lembrados, como Joaquim Mendes Malheiros, “[...] que sabia distribuir o seu tempo em serenatas, tentativas de pintura, torneios de esgrima, estudo de línguas e das disciplinas escolares, que o habilitaram a exercer o Magistério na Escola Militar e no Colégio Pedro II, onde manteve a sua fama de orador consumado”. (IBIDEM). Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga Cabral, [...] lente de direito civil e administrativo em São Paulo, desde 29, em torno de quem a lenda teceu episódios singulares, rememorados na biografia que o consagrou Palmyro Pimenta em conferência primorosa. Joaquim Murтинho, que, mais tarde, egresso da cadeira de biologia na Escola Politécnica, iria iluminar a política administrativa da República brasileira com suas doutrinas financeiras esteadas em firmes convicções filosóficas, Manoel Corsino do Amarante, contemporâneo de Benjamin Constant, que lhe respeitava o saber matemático, embora orientado por princípios opostos aos que professava, abrasando o entusiasmo da Mocidade; Sílvia Lima, que soube dignificar o ensino da medicina legal na Faculdade da praia de Santa Luzia”. (IBIDEM, p. 41).

Recorda ainda os ex-membros da Academia Mato-Grossense de Letras que, apesar de falecidos prematuramente, como Francisco Catarino, José Tomás de Almeida Serra, Amâncio Pulchério, João Marciano, José Delfino e Pedro Trouy, muito produziram sobre o Estado. Porém, Virgílio dá grande ênfase a um dos mais caros intelectuais que atuaram em Mato Grosso, o baiano Pe. Ernesto Camilo Barreto, pelo seu brilho no jornalismo, ao lado de José Rodrigues Calháo. Não se esquece também dos grandes talentos na área do Direito, como Corrêa do Couto, Caetano Xavier, Fleury,

Aquilino do Amaral, Arnaldo Novis, Ferreira Mendes, José Maria Metelo, Luiz da Costa Ribeiro, mas também os engenheiros Manoel Esperidião da Costa Marques, Antônio Corrêa da Costa, Caetano de Albuquerque, com destaque final para seu sogro, Pedro Celestino Corrêa da Costa, “[...] cuja improvisação jornalística, alicerçada em firme cultura geral e bom senso atilado, lhe valeu mais de uma vitória contra abusos governativos” (IBIDEM, p. 42).

Procurando completar sua listagem de homens de cultura nascidos em Mato Grosso, Corrêa Filho destaca:

Ramiro de Carvalho, temido pela sua mordacidade, José de Mesquita (Sênior), que, ainda na Monarquia propugnava a educação da mulher, por meio da qual lhe previa a emancipação e pregava ideias sadias, José Magno da Silva Pereira, Generoso Ponce na fase áurea de *O Republicano*, Francisco Agostinho, Vital de Araújo, José Estevão constituíram a falange mais conhecida de polemistas ardorosos, a que se reuniriam, em período ulterior, individualidades expressivas, Vieira de Almeida, temperamento literário que andou por Santos e lá se distinguiu pelas suas crônicas, polvilhadas de poesias e alocuções inflamadas, ao tempo de fortes agitações populares, Frederico Prado de Oliveira que – Béranger cuiabano – preparou com suas canções ao gosto do povo, o ambiente propício para a deflagração de triunfante movimento revolucionário, de que seria, depois, um dos mais eficientes colaboradores, João Cunha, a modéstia personificada, que só agia através dos seus escritos opulentos de seiva e boas letras. (IBIDEM, p. 42).

Após discorrer sobre a produção literária dos autores já falecidos, Virgílio faz, no final do artigo, fulgurar os autores vivos, à época. A primeira referência é dada à *Revista Mato Grosso*, periódico, hoje raríssimo, no qual escreveram literatos variados e que incluiu uma vigorosa documentação histórica.

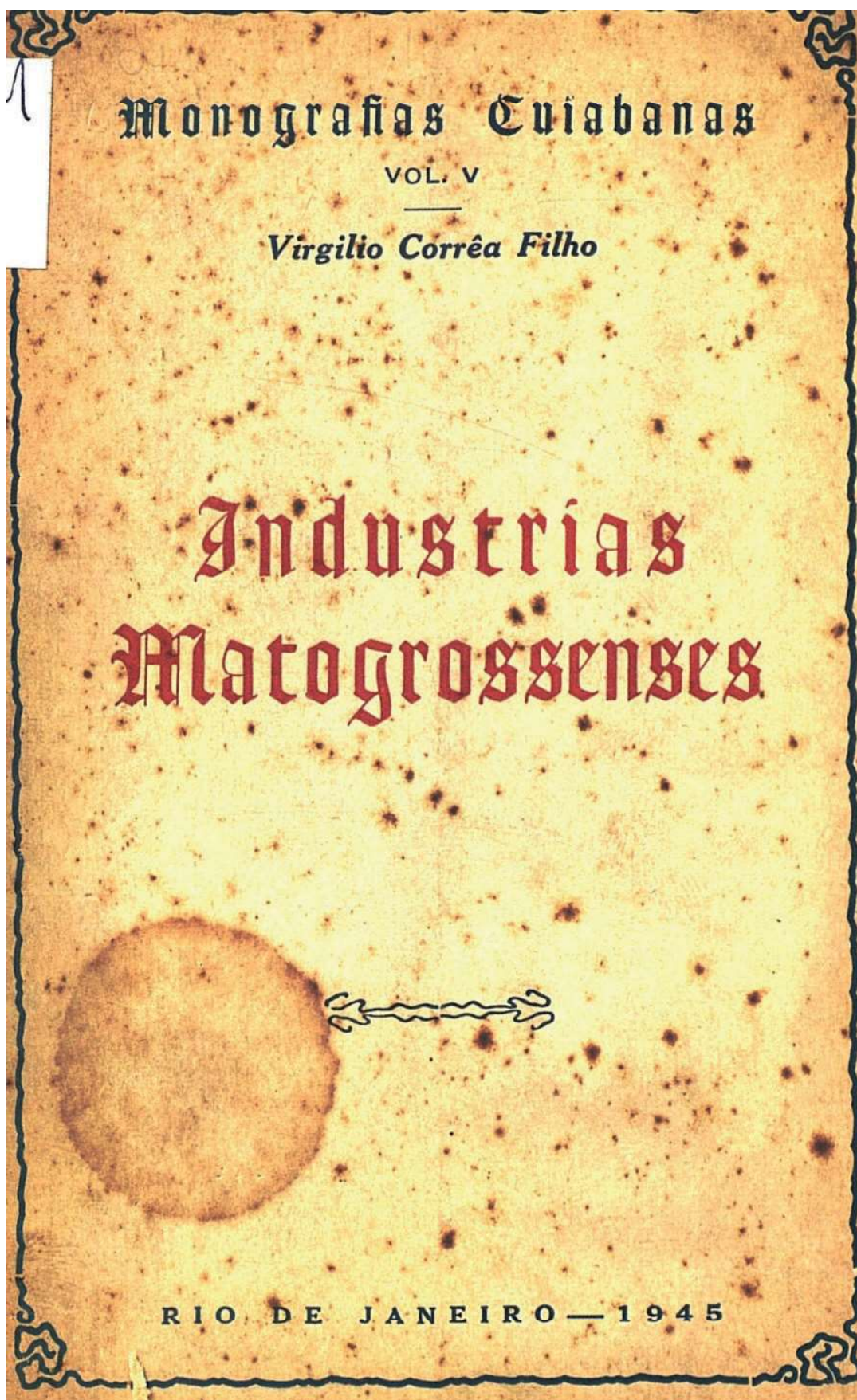
Para protagonizar os vivos, Virgílio escolhe o príncipe das letras, D. Francisco de Aquino Corrêa, mentor das duas mais antigas instituições culturais vivas, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, que presidiu por quase 40 anos, e a Academia Mato-Grossense de Letras, enquanto sócio fundador e presidente de honra.

Finalizando o artigo, Corrêa Filho aclara sua predileção pela então facção norte de Mato Grosso, ao assim se expressar:

Ao passo que os veteranos de preferência concentram-se em Cuiabá, capital de tradições seculares, ensaiam os jovens os seus voos em Campo Grande, cidade de ontem, gerada por dizer assim pela E, F. Noroeste do Brasil, que ali inaugurou o seu tráfego em 1814.

Enquanto a primeira mergulha as suas raízes na era do bandeirantismo afoito, a outra surge na atualidade, para viver a hora que passa, despreocupada dos tempos idos e vividos.

Da conjugação dessas duas componentes, certo, romperá formidável resultante, capaz de imprimir ao destino de Mato Grosso as diretrizes intelectuais, que lhe glorificarão a fama de terra inspiradora de sábios, de heróis e santos, já algum dia denominada *Coração do Brasil*, que ali palpita em reservas portentosas do mais vivo brasileiro. (IBIDEM, p. 44).



Capa do livro *Indústrias Matogrossenses*, 1945